



## **A América do Sul e o socialismo do século XXI: uma comparação dos discursos políticos sobre a proposta do novo socialismo na Bolívia, Equador e Venezuela**

**Por Rafael Araujo<sup>1</sup>**

### **Introdução**

O início do século XXI na América do Sul foi marcado por um período de fortes contestações as instituições republicanas, a democracia representativa e as políticas econômicas neoliberais que se consolidaram na região ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Em consequência desse cenário, presenciamos distintos processos políticos nos países sul-americanos. Na Bolívia, sob a liderança de Evo Morales, no Equador, liderado por Rafael Corrêa e, sobretudo, na Venezuela, governada até 2013 por Hugo Chávez, presenciamos fenômenos políticos mais radicalizados, que definimos como revolucionários. Por outro lado, também ocorreram processos políticos mais moderados, que realizaram tímidas reformas sociais e econômicas, como os liderados por Nestor Kirchner e Cristina Kirchner, na Argentina, ou pelo Partido dos Trabalhadores (PT), no Brasil.

As contestações à democracia representativa e ao neoliberalismo culminaram na ascensão dos processos revolucionários boliviano, equatoriano e venezuelano, que marcaram um novo ciclo revolucionário na América do Sul. Diferentemente dos períodos anteriores, como entre as décadas de 1950 e 1970, nessa nova fase presenciamos o abandono da luta armada. A via institucional foi reivindicada como o caminho mais plausível para a gênese das revoluções, que foram marcadas pela realização das assembleias constituintes e pelo apoio à participação popular, sob a égide da democracia participativa.

---

<sup>1</sup> Professor do UNILASALLE (RJ). Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos de História Política da América Latina (NEHPAL) da UFRRJ. Doutor em História pelo PPGHC/UFRRJ



Além das transformações políticas e sociais realizadas nesses três casos, a principal inovação para o debate acadêmico e político por eles propiciada residiu na teorização do socialismo do século XXI, difundido inicialmente na Venezuela a partir de 2004, em razão da radicalização da revolução bolivariana. Posteriormente, os êxitos eleitorais de Morales e Corrêa possibilitaram que o novo socialismo angariasse entusiastas na Bolívia e Equador.

O novo socialismo é de complexa definição. Nessa proposta, misturam-se variadas vertentes de pensamento e bandeiras políticas: marxismo (com todas suas vertentes!), humanismo cristão, keynesianismo, indigenismo, enfim, uma miscelânea de teorias e formas de analisar a realidade que nos impôs o desafio de fixar características para o novo socialismo.

Neste sentido, a imprecisão fez com que decidíssemos pela demonstração dos aspectos que compõem um *minimum* socialismo do século XXI. Para tal, fundamentamos em discursos de mandatários e em seus programas de governo. Ao final deste artigo, apontaremos aspectos que acreditamos compor as suas características básicas.

### **O imaginário do socialismo do século XXI na Venezuela, Bolívia e Equador**

A bandeira do socialismo atua no imaginário social dos três processos políticos analisados. Sua reivindicação contribuiu para o combate ao neoliberalismo, ao mesmo tempo em que possibilitou a germinação de uma contracultura transformadora, a partir da difusão de novos valores éticos e morais.

Por meio do imaginário social, os objetivos, os medos e as ilusões de um povo são atingidos, e as sociedades podem delinear suas identidades e organizar sua história. Ele se expressa por ideologias, utopias, símbolos e mitos. Sua utilização define o relacionamento dos indivíduos com as instituições, além de ser o meio para a conscientização dos homens, desencadeando a possibilidade de mudança da ordem vigente ou mesmo sua preservação

Os discursos mobilizadores e pretensamente revolucionários realizados por Morales, Corrêa e Chávez fundamentaram-se na utilização do imaginário socialista.



Cremos que o socialismo foi reivindicado para sustentar o combate ao neoliberalismo, promovendo a participação popular e a democratização das instituições estatais.

Dos três casos, a Venezuela apresentou propostas mais concretas no intuito de construir um novo modo de produção. A defesa do socialismo ocorreu incisivamente nos discursos de Chávez e sua propagação foi constante nos meios de comunicação governamentais. Houve, igualmente, medidas concretas intencionando a alteração da estrutura produtiva venezuelana. Como exemplo, observamos os incentivos às Empresas de Produção Social (EPS) e o apoio à formação de cooperativas em comunidades, com o controle da produção e dos recursos a cargo de um conselho constituído pelos próprios moradores.

O socialismo do século XXI não foi um projeto do chavismo desde sua chegada ao poder, ao final de 1998. O Polo Patriótico, frente partidária e de movimentos sociais organizados em torno da figura de Chávez na eleição daquele ano, era composto por um conjunto de organizações sociais e partidárias marcado por variadas ideologias e formas de pensamento.

Nesse momento, a prioridade do movimento era a realização de uma assembleia constituinte. Chávez não tinha uma retórica favorável ao novo socialismo. Como veremos, ele coadunava com os princípios da terceira via, a qual emergiu com intensidade ao fim da Guerra Fria em 1991.

A radicalização do bolivarianismo, por sua vez, somente ocorreu após 2004, quando a revolução se consolidou, superando um momento de intensa luta de classes. Com isso, tivemos o fim da instabilidade política vivida entre a tentativa de golpe de Estado contra Chávez em abril de 2002, o “*paro*” petrolero entre dezembro de 2002 e fevereiro de 2003 e o referendo de revogação do mandato presidencial de Hugo Chávez em agosto de 2004.

O êxito contra os grupos opositores e a vitória eleitoral de Chávez nas eleições presidenciais de 2006 mudou a correlação das forças políticas no país. Sustentado no maciço apoio popular, à época em torno de 60%, o presidente venezuelano exacerbou a retórica favorável à construção do socialismo bolivariano. A partir de então, essa proposta se tornou constante no discurso chavista, sendo a terceira via abandonada pelo presidente venezuelano. Esses dois momentos podem ser constatados nas falas de Chávez a seguir:



(...) anteriormente, baseava algumas propostas na tese da terceira via (...) Mas, uma vez na presidência, vi a realidade, sobretudo após o golpe de abril de 2002. A ação imperialista, com aquele brutal boicote econômico, verdadeiro terrorismo, fez com que eu percebesse que o único caminho para a liberdade e independência é o do socialismo. Ele representa a redistribuição da riqueza e possibilidade de igualdade. O capitalismo, em sua essência, é o reino das desigualdades. Já o socialismo representa a igualdade e a justiça social. Minha transformação teórica derivou da maturidade e da prática dialética (...) o golpe foi um ponto de inflexão histórico. Foi o momento que levou a novas definições. Recordo, depois do golpe de abril, (...) que começamos a assumir uma atitude, em primeiro lugar, anti-imperialista. A primeira vez em que levantei essa bandeira publicamente foi em 2003. (...) Até então, nossa revolução não tinha assumido o anti-imperialismo como uma bandeira central. Passaram-se os meses. A sabotagem econômica, a ofensiva da burguesia, dos *pitiyanquis*, como chamamos a oposição, induziu a essa mudança. Evidentemente, ela também foi acompanhada de um conjunto de fatores, inclusive de ordem internacional, que se conjugaram e possibilitaram a revolução bolivariana reivindicar o socialista (...) (CHÁVEZ, 2012, p. 270-3). (Tradução nossa.)

O discurso favorável de Chávez às transformações sociopolíticas contribuiu para a conscientização política dos venezuelanos. Isso possibilitou o robustecimento da luta de classes na Venezuela. A retórica socialista incidiu no início de alterações nos valores éticos e morais da sociedade venezuelana. A radicalização do bolivarianismo e a construção do imaginário socialista foram consequências disso.

Incidiu na elevação do nível de consciência dos venezuelanos um duplo ciclo. O primeiro, ao final da década de 1990, que foi marcado pelo desgaste popular com as consequências socioeconômicas do neoliberalismo e o esfacelamento do sistema democrático de Punto Fijo, vigente na democracia venezuelana entre 1958-1998. Fruto disso, tivemos a eleição de Chávez e o processo constituinte no ano de 1999, fundador da V República.

O segundo momento proveio da contundente reação popular à contrarrevolução. O auge da luta do chavismo contra os opositores ocorreu no período entre o golpe de Estado em abril de 2002 e a vitória de Chávez no referendo revogatório em agosto de 2004. As batalhas dessa fase consolidaram o apoio popular a Chávez e demonstraram o alto nível de consciência revolucionária dos venezuelanos.

Na Venezuela, as missões sociais e os *consejos comunales* (conselhos comunitários) consistiram em núcleos essenciais no projeto de construção do novo



socialismo. Ambos materializaram a participação popular e a edificação da democracia participativa. Por isso, foram propagadas intensamente pelo chavismo.

Segundo Mariana Bruce, os *consejos comunales* consistiram em microgovernos locais. Eles foram estabelecidos no interior das comunidades venezuelanas e possuíram caráter deliberativo/executivo sobre a gestão das políticas socioeconômicas locais. O objetivo dessa descentralização do poder é a construção do Estado Comunal venezuelano, articulado por federações ou confederações desses *consejos*. Com isso, presenciamos a possibilidade de edificação da “democracia participativa e protagonista” e de um desenvolvimento econômico autossustentável, ou seja, prerrogativas fundamentais para o surgimento de um novo socialismo (BRUCE, 2011).

Na comparação realizada entre os discursos de Morales, Corrêa e Chávez, constatamos que o caso boliviano é o que possui a retórica menos constante na defesa do socialismo do século XXI. Prova disso é que o programa de governo do MAS na eleição de 2009, quando Morales foi eleito presidente pela segunda vez, mencionava o socialismo apenas duas vezes. Nos discursos de Morales, identificamos que a concepção de socialismo se associa ao comunitarismo indígena. O socialismo do bem viver é pleiteado para possibilitar a construção de um imaginário social de solidariedade e igualdade, marcado pelo predomínio das consignas indígenas.

Semelhante ao caso venezuelano, a defesa do socialismo na Bolívia derivou da antítese ao capitalismo neoliberal. Elementos da cultura indígena, como solidariedade, coletividade e respeito à natureza foram utilizados. A retórica socialista contrastou com valores do capitalismo, como o egoísmo, o individualismo e a valorização de bens materiais. Além disso, foi valorizado o intervencionismo estatal na economia e a representação coletiva. Já o controle das instituições estatais pelos indígenas fez com que os valores da sua cultura saíssem do “micro”, como as comunidades ou movimentos sociais, e se expressassem no “macro”, por meio das instituições estatais.

Nas palavras de Morales (2011):

(...) Quem pode, por exemplo, privatizar ou alugar a própria mãe? A terra não pode ser vista como uma mercadoria. Lamentavelmente, o capitalismo nos traiu e converteu a mãe terra a uma matéria-prima, portanto, uma mercadoria. Mudar essa mentalidade demorará (...). Somos indígenas e lutaremos contra os sistemas econômicos que privatizam nossos recursos naturais (...). Existem várias formas de vivência, como a comunitária e coletiva. Onde nasci, por exemplo, não existem propriedades privadas. A terra



é comunitária. Todos a utilizam para o pasto ou na agricultura. Espero que a privatização não chegue nas comunidades, que são marcadas pela vida comunitária e coletiva (...) não construiremos nenhuma novidade no governo. Somente o *Viver Bem*. Almejamos a recuperação da vivência de nossos antepassados (...) a construção do socialismo comunitário, harmonizado com a mãe terra, é fundamental. Permanentemente se fala de socialismo. Concordo com isso, mas creio que precisamos melhorar sua concepção. Não se deve pautar, exclusivamente, pela defesa do homem. O socialismo deve permitir que a população compreenda a obrigação de viver em harmonia com a natureza, respeitando as formas de vivência comunitária e coletiva. (...) ele precisa incorporar as experiências dos povos indígenas na defesa Pachamama (...). Hoje, existem apenas dois caminhos: ou seguimos pelo do capitalismo, que é marcado pela morte, ou avançamos pelo indígena, o da vida, que é marcado pela harmonia com a natureza (MORALES, 2011, p. 3). (Tradução nossa.)

A visão de socialismo difundida na Bolívia fundamenta-se nas consignas indígenas. Os preceitos marxistas não são negados, mas reformulados e adaptados às demandas dos indígenas e camponeses. A proeminência das consignas indígenas foi consequência da não aceitação das temáticas desse grupo, principalmente, o uso comunitário da terra e a questão étnico-nacional pelos marxistas ao longo do século XX.

A proposta de socialismo na Bolívia vincula preceitos marxistas a valores indígenas. O *ama suwa, ama llulla e ama q'ella* (não roubar, não mentir e não ser ocioso), que formam parte das bandeiras da cultura autóctone presentes na constituição boliviana, demonstram essa vinculação. Presenciamos, igualmente, a reivindicação do coletivismo indígena como um modelo de organização da sociedade e da produtividade.

O socialismo boliviano também se relaciona com a democracia participativa. A atuação popular representa o caminho para o bem viver. Segundo Linera (2012):

As organizações comunitária, agrária e sindical do movimento indígena, com suas formas de deliberação em assembleias, a rotatividade dos ocupantes de cargos e o controle dos meios de produção são os centros da decisão política e econômica da Bolívia. Presenciamos, nos círculos de poder estatal, debates sobre a implantação das decisões derivadas das assembleias indígenas, operárias e de bairros. Os sujeitos da política e da institucionalidade trasladaram dos sindicatos e das comunidades para os círculos de poder estatal (...) (LINERA, 2012, p. 1). (Tradução nossa.)

O imaginário socialista boliviano diferencia-se do construído na Venezuela durante o governo de Hugo Chávez. No primeiro, há uma contínua apropriação do



passado e da cultura indígena e as demais vertentes teóricas, como o nacionalismo e o marxismo, o completam.

A tarefa de identificar os aspectos teóricos do socialismo venezuelano revela-se mais penosa na Venezuela. A evocação dos valores cristãos, iluministas, marxistas, por exemplo, proporciona um mosaico teórico de complexa definição. Nos discursos de Chávez houve uma constante reivindicação dos princípios iluministas difundidos pelos próceres da emancipação, que foram associados ao novo socialismo.

Há, no entanto, componentes importantes ao analisarmos o imaginário socialista desses dois casos. As críticas ao individualismo, ao egoísmo e à exploração do trabalho agem na consciência coletiva. Por mais que as duas propostas de um novo socialismo se distanciem do marxismo, a retórica socialista e a defesa da luta contra os grupos dominantes elevaram o nível de consciência da população, impulsionando as conquistas de direitos sociais e políticos.

O discurso socialista no Equador assemelha-se ao boliviano e venezuelano. Há remissões à humanização das relações de trabalho, à solidariedade entre os homens e à ação coletiva. Como nos outros casos, o individualismo e o egoísmo, intensificados no período neoliberal após a década de 1980, são negados. Nas palavras de Corrêa (2009):

Os referentes centrais do socialismo equatoriano residem no indivíduo, na solidariedade e na valorização do coletivo. A história nos ensinou que os homens precisam conquistar a justiça, a igualdade e a felicidade. O socialismo do século XXI herdou várias manifestações do marxismo, mas se confronta com os dogmas que a história se encarregou de enterrar e que apenas sobrevivem na nostalgia de poucos (...) (CORRÊA, 2009, p. 13). (Tradução nossa.)

Como nos outros casos, não há profundas críticas à propriedade privada e inexistente o pleito de emancipação dos trabalhadores em relação à exploração do capital. A miscelânea teórica do socialismo equatoriano é intensificada com a incorporação do cristianismo e do indigenismo. O *sumak kawsay* (o bem viver) é constantemente evocado, e o combate à pobreza também é defendido a partir de pressupostos do humanismo cristão. A teoria socialista de Corrêa mistura variadas formas de pensamento, como na Venezuela. Por isso, sua definição é extremamente difícil.



De modo semelhante, o socialismo equatoriano é uma resposta ao neoliberalismo e suas consequências sociais. As demandas de justiça social, igualdade entre os homens e valorização do indivíduo aparecem nos discursos de Corrêa como uma reação à desigualdade social, intensificada nas últimas três décadas no país.

Propusemo-nos, nesse artigo, analisar o socialismo do século XXI nos três casos estudados. As imprecisões conceituais em relação às propostas concernentes a esse modo de produção nos desafiaram. Diante disso, avaliamos a proposta do socialismo do século XXI separando suas medidas produtivas do discurso reivindicativo de um relacionamento diferenciado entre os homens, sustentado, por exemplo, na solidariedade, igualdade e justiça social.

Constatamos que, economicamente, as medidas dos proponentes do novo socialismo resgataram a tradição nacional-estatista latino-americana. As críticas ao Estado mínimo, predominante no neoliberalismo, abriram caminho para o advento do intervencionismo estatal, tendo como consequência a proposição de uma nova estrutura produtiva. Esta é marcada pela nacionalização dos recursos naturais, pela diversificação da produção e pelo apoio financeiro do Estado às empresas privadas e, de forma muito embrionária, às populares.

Os três projetos valorizaram o setor privado e sua parceria com empresas estatais. Essa união foi pleiteada por proporcionar o desenvolvimento econômico, permitindo a geração de emprego e renda. A descentralização produtiva, por meio da economia popular e comunitária, foi reivindicada como mais um elemento propiciador de crescimento econômico.

Como asseveramos anteriormente, o novo socialismo age no imaginário coletivo. A reivindicação da solidariedade e da justiça social atua na consciência da população. Com isso, presenciamos embates contra o individualismo e o egoísmo, características intensificadas na fase neoliberal do capitalismo.

Avaliamos que a construção do socialismo sul-americano fundamenta-se na utilização de princípios do cristianismo, indigenismo, iluminismo, keynesianismo e marxismo, por exemplo. No início deste artigo, sublinhamos nossa dificuldade de defini-lo teoricamente. A junção de variadas teorias fez com que nos deparássemos com algo novo, que é (re) construído continuamente.





Esses argumentos, no entanto, não fazem com que nos abstenhamos de algumas conclusões. A proposta do socialismo do século XXI é totalmente diferente de qualquer experiência histórica. Analisamos que a sua construção é direcionada ao combate ao neoliberalismo. A intervenção estatal na economia, a reivindicação de novos valores sociais, a emanção de uma cultura fincada na solidariedade e na humanização da relação capital-trabalho são demonstrações da sua antítese em relação ao neoliberalismo.

Não acreditamos que o novo socialismo represente, pelo menos neste momento, um modo de produção alternativo ao capitalismo. Cremos na sua vinculação à tradição nacionalista sul-americana e aos seus princípios, como intervenção estatal na economia e realização de reformas sociais.

Expusemos anteriormente que apontaríamos os elementos que formariam um *minimum* socialismo do século XXI. Acreditamos que as seguintes características estão contempladas nessa proposta:

- i. repúdio aos efeitos socioeconômicos do neoliberalismo;
- ii. intervencionismo estatal na economia, expresso na nacionalização dos recursos naturais, no fomento às pequenas e médias empresas e no incentivo à diversificação produtiva;
- iii. constituição de programas sociais distributivos de renda;
- iv. difusão dos valores de solidariedade, igualdade, justiça social e proeminência do coletivo sobre o individual;
- v. democratização das instituições estatais e apoio à participação popular;
- vi. apoio à associação público-privada e à economia comunitária/popular;
- vii. utilização do imaginário socialista para a conscientização das massas;
- viii. apoio ao multilateralismo nas relações internacionais e à integração sul-americana.



As características enumeradas acima compõem a nossa visão analítica sobre o socialismo do século XXI nos três países abordados nesse artigo. Como afirmarmos ao longo deste trabalho, além de resgatar a tradição nacional-estatista presente na região desde a década de 1930, acreditamos que a reivindicação desse novo socialismo ocorreu como uma forma de combate ao neoliberalismo e para a construção de um imaginário social que ensejasse na população a necessidade de lutas sociais.

### **Fontes (Por ordem de aparição no artigo)**

FRIAS, Hugo Chávez. *Yo soy así - 7 de agosto de 2012*. IN: “*De Yare a Miraflores el mismo subversivo – Entrevistas al comandante Hugo Chavez Frias*”. Op. Cit. P. 372.

MORALES, Evo. *Discurso del Presidente del Estado Plurinacional de Bolivia Evo Morales en la XV Cumbre del Cambio Climático, Copenhague*. Disponível em: <http://www.presidencia.gob.bo/discursos1.php?cod=16> Acesso: Nov/2011.

LINERA, Álvaro García. *Discurso del ciudadano vice-presidente de la República Álvaro García Linera*. Op. Cit. p. 5.

CORRÊA, Rafael, *Intervención en la Universidad Nacional de Asunción – Ponencia magistral: mensaje a los estudiantes sobre el socialismo del siglo XXI. Asunción, 23 de marzo de 2009*. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.ec/discursos/03-23-09%20Discurso%20en%20Asunci%C3%B3n.pdf> Acesso: Fev/2011. P. 13.